

ANÁLISE DO PLANEJAMENTO EM UMA TURMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA EM BELO HORIZONTE-MG

Maurício de Lima Ramos¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o desafio de elaborar e executar um planejamento nas aulas com alunos que trazem diversidades na questão de saúde mental e vulnerabilidade social, em uma sala de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Centro de Convivência Nise da Silveira (CCNS), pertencente a uma turma externa da Escola Municipal Dom Orione (EMDO). Para se atingir uma compreensão deste objetivo geral definiram-se três objetivos específicos: conhecer o histórico e o funcionamento do CCNS e da turma de EJA que funciona dentro deste Centro, examinar as propostas pedagógicas curriculares na EJA do CCNS e identificar a percepção dos envolvidos no planejamento da EJA. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográfica e documental sobre o funcionamento da EJA, bem como a realização de uma entrevista aberta e semiestruturada com envolvidos no planejamento das aulas da EJA. Verificou-se que o planejamento está centrado no sujeito e não no conteúdo e a relação pedagógica entre o CCNS e a EMDO passa pela responsabilidade coletiva e trabalho intersetorial entre saúde e educação. Infere-se que o planejamento das aulas está baseado no “cuidado em liberdade”, numa relação dialógica entre professor e aluno, que mostra a leitura do mundo, em uma lógica do espaço entendido como dimensão formadora do sujeito.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Saúde Mental; Educação; Planejamento do Ensino.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo analisar o planejamento de ensino de uma turma externa de EJA do ensino fundamental que funciona em um Centro de Convivência vinculado a uma Escola

¹ Contato: 1004803@bol.com.br.

Municipal de Belo Horizonte. Sob o enfoque da compreensão do ensino como uma atividade sistemática, crítica e contextualizada, comprometida com a transformação dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem.

A especificidade dessa turma é ser composta por estudantes que retornaram aos estudos após terem sua trajetória escolar interrompida por fatores como crises de sofrimento mental e uso excessivo de drogas que dificultaram sua permanência no espaço escolar, quando da idade considerada adequada ao ensino fundamental.

O Centro de Convivência Nise da Silveira (CCNS), no qual a pesquisa foi realizada funciona há nove anos em uma casa alugada pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Este Centro faz parte da rede de saúde mental da PBH e busca reconhecer o cidadão que utiliza o serviço de saúde mental como sujeito de direitos que pode acessar a educação, a justiça e o mercado de trabalho.

A turma de EJA é constituída por 17 estudantes matriculados na faixa etária entre 23 e 55 anos, sendo três alunas e 14 alunos. Pode-se identificar que alguns estudantes estão em situação de rua, morando em abrigos e outros moram em casa de familiares. Alguns relatam fazer o uso de álcool e outras drogas para enfrentar os desafios cotidianos, entre eles o de viver nas ruas.

Para se atingir o objetivo geral de analisar o desafio de elaborar e executar um planejamento das aulas com alunos que apresentam diversidades na questão de saúde mental e vulnerabilidade social dessa turma de EJA, definiram-se os seguintes objetivos específicos: conhecer o histórico e o funcionamento do CCNS e da turma da EJA que funciona dentro deste Centro, examinar as propostas pedagógicas curriculares desta turma e identificar a percepção dos envolvidos no planejamento da EJA.

O presente trabalho se justifica pela necessidade de reflexão sobre a práxis do professor responsável por tal turma. Licenciado em Geografia, o profissional em questão se vê frente ao desafio de integrar informações sobre

saúde mental, aspectos comportamentais e sociais dos alunos, o manejo da turma e dos indivíduos, as intervenções a que eles são submetidos em seus tratamentos, e o currículo da EJA. Estes são fatores intervenientes que precisam ser considerados no planejamento das aulas – daí esta proposta de sua análise.

Para desenvolver esta pesquisa optou-se por uma metodologia de natureza qualitativa, para qual foi realizada uma técnica de observação assistemática junto ao ambiente de funcionamento da EJA, onde procurou-se recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos, conforme detalha Lakatos e Marconi (1991).

Complementando esta observação assistemática, foram realizadas entrevistas abertas e semiestruturadas com cinco pessoas ligadas à turma da EJA: a diretora da EMDO, que foi a professora anterior da turma da EJA; a gerente atual e a anterior do CCNS; a coordenadora pedagógica da EMDO e o professor atual da turma da EJA. Buscou-se nestas entrevistas identificar as etapas de construção e execução do planejamento, com intuito de obter mais informações dos entrevistados em relação aos seus valores, às suas atitudes e às suas opiniões, acerca desta experiência. Tais objetivos da técnica da entrevista semiestruturada são apontados por Haguette (1997).

Os dados das entrevistas foram analisados com base na análise de conteúdo, conforme é descrito por Bardin (1977).

Foi realizada uma pesquisa documental constituída por documentos produzidos pela EMDO, pelo CCNS, pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH) e Governo Federal. Por meio destes documentos foi possível registrar e analisar a história e funcionamento do CCNS e da turma de EJA.

Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica que abarcou o levantamento de referências e identificação de trabalhos científicos sobre o tema escolhido.

O CENTRO DE CONVIVÊNCIA NISE DA SILVEIRA

Os Centros de Convivência de Belo Horizonte fazem parte da rede de atenção psicossocial e são serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos e, juntamente com os Centros de Referência em Saúde Mental (CERSAM), o Serviço Terapêutico (SRT), o Serviço de Urgência Psiquiátrica e os Centros de Saúde, contribuem para a inserção social das pessoas portadoras de sofrimento mental.

Os Centros de Convivência possuem oficinas de arte e artesanato e outras atividades ofertadas como turmas externas da EJA ligadas pedagogicamente às Escolas Municipais próximas aos endereços dos Centros.

Em consultas por telefone aos nove Centros de Convivência, no dia 12 de abril de 2022, verificou-se que no total de nove Centros de Convivência, existem cinco turmas de EJA funcionando nestes espaços. Esta ação visa uma função reparadora e qualificadora para pessoas em sofrimento mental, usuárias ou não de álcool e outras drogas, buscando a reinserção social das pessoas matriculadas.

Neste contexto, o CCNS pertencente à Regional Pampulha, abriga hoje um espaço no qual são oferecidas diversas atividades, como oficinas de artes visuais, artes plásticas, música, artesanato, literatura, cerâmica, bordado, EJA, entre outras atividades e projetos que promovem o cuidado, inclusão e cidadania para seus usuários. As instalações do CCNS funcionam numa casa residencial que não foi adaptada arquitetonicamente para esse fim.

Segundo Ribeiro (2021), este Centro de Convivência foi criado em 1996 no bairro São Francisco e teve sua alocação no Centro de Apoio Comunitário (CAC). A PBH desde então assumiria a responsabilidade pela institucionalidade e subsídio deste Centro.

Em 2002, o CCNS teve instalações próprias no bairro Itapoã e passou a ser chamado de Centro de Convivência Pampulha, sob a alegação de representar todo o território da região da Pampulha. Em conversa telefônica com a ex-gerente

do Centro, em 31 de maio de 2022, verificou-se que nesse espaço iniciou-se a alfabetização para os usuários com o objetivo de favorecer sua autonomia na cidade.

Essa iniciativa foi possível por intermédio de uma usuária² do serviço que se propôs a lecionar aulas de alfabetização para os demais usuários. Após essa iniciativa uma terapeuta ocupacional que trabalhava no Centro continuou esse trabalho de alfabetização, em substituição à voluntária inicial. Depois de algum tempo a terapeuta ocupacional foi substituída por uma professora aposentada moradora do bairro Itapoã, que se dispôs a continuar a alfabetização dos usuários do Centro.

A gerente do Centro na época (2003 e 2004), relatou que conseguiu junto à SMED/BH o material didático do Programa Brasil Alfabetizado³ para as aulas voluntárias, apesar do Centro não ter sido contemplado com este Programa.

Diante do esforço e iniciativa junto à SMED/BH, por parte da gerente do Centro em alfabetizar os usuários e a regulamentação da EJA no Sistema Municipal de Ensino de Belo Horizonte, por meio da Resolução nº 001/2003⁴, foram-se consolidando as condições para que as escolas municipais implantassem essa modalidade de ensino, de forma institucionalizada no Centro de Convivência.

Em virtude disso, em 2005 foi implantada a EJA no Centro de Convivência Pampulha no bairro Itapoã, em parceria com a Escola Municipal

2 O nome da usuária foi omitido em virtude do Termo de Autorização Institucional, assinado com a gerência do CCNS, em que nomes, endereço e outras indicações pessoais não serão publicados neste Trabalho Científico.

3 Segundo o site <http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>, o MEC realiza, desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizandos. Podem aderir ao programa por meio das resoluções específicas publicadas no Diário Oficial da União, estados, municípios e o Distrito Federal.

4 O Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte, no uso de suas atribuições, conforme Lei Municipal nº 7543 de 30 de junho de 1998, e tendo em vista o Parecer nº 93/2002, aprovado pelo Conselho em 7 de novembro de 2002 e homologado pela Secretaria Municipal de Educação em 26 de dezembro de 2002 e, ainda, conforme a Resolução CME/BH nº 02/2001 e o parecer CME/BH nº 52/2002, RESOLVE: Regular a Educação de Jovens e Adultos no Sistema Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Amilcar Martins situada no bairro Santa Amélia/BH, a qual forneceu apoio pedagógico e uma professora para início da turma da EJA no Centro.

Em 2013, o então Centro de Convivência Pampulha mudou para uma imponente casa de três andares, no bairro São Luiz em BH/MG, próximo à Escola Municipal Dom Orione que a partir desse ano assumiu a turma de EJA, no período da tarde (13:00 h às 17:30 h), no próprio espaço do Centro de Convivência Pampulha. A escola fornecia uma professora e apoio didático para a realização das aulas.

Em 2020, O Centro de Convivência Pampulha passa a ser chamado de Centro de Convivência Nise da Silveira, de acordo com a publicação do Diário Oficial do Município de Belo Horizonte do dia 23 de julho de 2020. Fazendo jus ao nome da admirável Psiquiatra Nise da Silveira⁵ que lutava por um tratamento humanitário e afetuoso com seus pacientes.

O esforço da ex-gerente do Centro em buscar material didático junto à SMED/BH para dar prosseguimento as aulas de alfabetização para os usuários, representou uma caminhada de luta e resistência para, finalmente em 2005, conseguir a implantação da EJA nas dependências do Centro de Convivência, no bairro Itapoã/BH, em parceria com a Escola Municipal Amilcar Martins, no bairro Santa Amélia/BH.

Segundo Oliveira (2012), o estabelecimento de turmas de EJA em espaços não escolares é fruto de um trabalho de profissionais militantes da EJA que romperam as barreiras físicas e simbólicas para assegurar o direito à educação

5 De acordo com o site <https://canalciencia.ibict.br/ciencia-brasileira-3/notaveis/273-nise-da-silveira>, acessado em 30/04/2022: A médica e psiquiatra Nise Magalhães da Silveira teve sua vida marcada pelos estudos sobre o comportamento humano e o tratamento de patologias psicológicas, como a esquizofrenia. Discípula de Carl Gustav Jung, Nise revolucionou a maneira de tratar os doentes mentais, utilizando técnicas artísticas - pintura e desenho - como terapia. Foi pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais, e defendia o fim de tratamentos tradicionais, como o eletrochoque, o uso de drogas e o confinamento clínico. Nascida em Maceió-Alagoas em 15 de fevereiro de 1905, Nise ingressou na Faculdade de Medicina de Salvador, em 1921, sendo a única mulher de sua turma, bem como uma das primeiras médicas do Brasil. No Rio de Janeiro, em 1952, fundou o Museu do Inconsciente para abrigar este acervo e, em 1956, a Casa das Palmeiras, um centro de reabilitação para pacientes egressos de hospitais psiquiátricos. Em 1961, foi chamada a Brasília pelo presidente Jânio Quadros para apresentação de um plano de desenvolvimento da terapêutica ocupacional nos hospitais psiquiátricos federais. Ganhou o prêmio Mérito da Ordem Cultural. Faleceu em 30 de outubro de 1999, aos 93 anos.

a um grupo de jovens e adultos que tiveram seu direito negado na infância e na adolescência.

Essa parceria durou até 2013, quando o Centro foi transferido para o bairro São Luiz e a cooperação passou a ser da Escola Municipal Dom Orione que, atualmente, fornece um professor, apoio pedagógico e alimentação (lanche e almoço) para os alunos da turma da EJA.

A TURMA DE EJA DO CCNS

Segundo o relato do professor atual, em 14 de dezembro de 2021, a turma de EJA do Centro de Convivência era composta por dezessete estudantes matriculados na faixa etária entre 23 e 55 anos, sendo três alunas e catorze alunos.

Esta turma passou por um acolhimento e entrevista pela Gerência do Centro de Convivência e, passaram a frequentar as oficinas do Centro de Convivência Nise da Silveira e as aulas da EJA.

A frequência média no início de 2020 era de 13 estudantes. Durante o período da pandemia as atividades aconteceram de forma remota. Inicialmente, apenas sete estudantes acompanharam as atividades através do aparelho de celular.

Segundo o professor foi possível identificar que cinco estudantes estavam em situação de rua e 12 estudantes moravam em casa de algum familiar.

A maioria dos estudantes da turma da EJA, sujeitos da presente pesquisa, se declara negro (65%), 18% branco, 17% pardo. Sobre a religião, 29% se declara evangélico, 19% católica, 38% não tem religião e 14% não quis responder.

Sobre a expectativa de futuro, a maioria informou que pretende concluir a EJA do Ensino Fundamental e dar continuidade ao Ensino Médio. Alguns apresentaram o desejo de fazer um curso superior. Entre os motivos mais comuns para voltar a estudar, disseram: “ter um futuro melhor”, “fazer faculdade” e “conseguir um trabalho”.

O diagnóstico inicial do professor revela que os estudantes apresentam uma atitude de colaboração, estando dispostos a ouvir e respeitar as opiniões do grupo, participando e demonstrando interesse na realização das atividades propostas e na construção do conhecimento de forma coletiva e colaborativa. É uma turma heterogênea quanto ao aspecto cognitivo, quatro estudantes estão em processo de alfabetização e os demais estudantes estão em processo de construção dos conhecimentos necessários para o processo de certificação do ensino fundamental.

Alguns trabalham satisfatoriamente com textos mais simples e curtos, mas apresentam muita dificuldade de trabalhar com textos mais extensos, de conteúdo mais complexo. Gostam muito de resolver problemas lógico-matemáticos e trabalham bem com a construção do raciocínio geográfico.

As atividades pedagógicas desenvolvidas com esta turma envolveram a aprendizagem dos saberes culturais, científicos e a formação ética dos alunos. Por meio dos projetos realizados com os estudantes sobre sua trajetória de vida, reconhecendo-a como fonte de saberes de experiência que se deve considerar nas diferentes situações de construção do conhecimento escolar, e com os quais também se aprende.

O trabalho pedagógico foi pautado na diversidade de gêneros textuais, com uso de gráficos, tabelas, imagens, bulas de remédios, panfletos de supermercados e diferentes fontes bibliográficas.

PERCEPÇÃO DOS ENVOLVIDOS NO PLANEJAMENTO DA EJA

Para melhor compreensão do termo percepção, buscou-se na citação de Ostrower (1993, p. 13),

a percepção delimita o que somos capazes de sentir e compreender, porquanto corresponde a uma ordenação seletiva dos estímulos e cria uma barreira entre o que percebemos e o que não percebemos. Articula o mundo que nos atinge, o mundo que chegamos a conhecer e dentro do qual nós nos conhecemos. Articula o nosso ser dentro do não-ser, pois a percepção é a elaboração mental das sensações.

Desta forma, para se chegar à percepção dos envolvidos no planejamento, procurou-se analisar o conteúdo das entrevistas aplicadas, esta análise foi embasada em Bardin (1977), seguindo as etapas da pré-análise; da exploração do material; do tratamento dos dados e interpretação.

- a) **Pré- análise:** Primeira etapa do procedimento quando se realiza as leituras e releituras das transcrições das entrevistas. Conforme Bardin (1977), nesta etapa, buscou-se uma composição – decomposição das respostas das entrevistas, destacando os pontos relevantes, em função de inteligibilidade e interpretação a ser dada.
- b) **Exploração do material:** Esta etapa constituiu-se da definição das categorias de análise, para atender os objetivos elaborados para o estudo.
- c) **Tratamento dos resultados obtidos e interpretação:** Nesta última etapa do procedimento da análise de conteúdo, buscou-se verificar a pertinência da fundamentação teórica deste trabalho, com a análise realizada nas entrevistas, tendo em vista os objetivos de estudo, em uma reunião de elementos gerais da pesquisa permitindo construir as bases para as considerações finais.

Selecionou-se três categorias principais, tendo cada uma delas, suas respectivas subcategorias:

- 1 **O Planejamento das aulas da EJA no CCNS:** Esta categoria agrega os dados colhidos junto às respostas das entrevistas sobre o planejamento das aulas na turma da EJA. Serão abordados aqueles que mereçam maior ênfase por parte das respostas: centralidade no usuário e a educação como aprendizagem para o mundo.

- 1.1 **Centralidade no sujeito:** A análise das entrevistas sugere que a centralidade do ensino da EJA não está no conteúdo, mas no sujeito, tornando suas experiências de vida em um início de aprendizagem.

[...] Essa consideração do cotidiano desses usuários torna o aprendizado concreto, que algo muito importante para os usuários da Saúde Mental é que as coisas saiam do mundo imaginário e se tornem concretos no dia a dia. Acho que essa é a melhor forma deles aprenderem e ter alguém que compreenda essa necessidade, e colocar em prática no processo de ensino aprendizagem a singularidade desse grupo. (GERENTE DO CCNS).

[...] Uma das coisas que a gente tem no Centro de Convivência é estimular a pessoa para que ela escolha suas opções e seus desejos, então assim é que a gente sempre escuta a palavra do sujeito que não teve a palavra ouvida por muitos anos, nem em casa e nem pela sociedade. Por isso, é importante que a EJA como base de tudo, não só da alfabetização, mas como base da reflexão da história desse sujeito. (EX GERENTE DO CCNS).

[...] Precisa reconhecer quem são esses sujeitos e as suas dimensões, então no Centro de Convivência é uma possibilidade de pensar um processo educacional que ajude esses sujeitos repensarem o mundo, e pensarem suas existências no mundo de maneira solidária, na perspectiva da elevação da autoestima e reconhecerem que são portadores de um direito educacional, que foi negado anteriormente. O direito à Educação cria possibilidades e ferramentas necessárias para conhecer e acessar outros direitos e garantias constitucionais, que por vezes são negados ou porque os sujeitos nem sabem das suas existências. (PROFESSOR DA EJA).

Como cita Policarpo (2018), a escola sendo um espaço de diversidades e pluralidades, precisa de uma mudança do paradigma homogêneo para outro que considere as

singularidades, as particularidades de cada um, as diversidades e pluralidades culturais, devendo ser uma escola inclusiva, pois a sociedade brasileira possui uma história marcada pela desigualdade e pelo desrespeito as diversidades.

Para Orlando Júnior (2005) há duas perspectivas de ensino e planejamento: na primeira perspectiva, o planejamento do ensino está organizado na fala do professor em aulas expositivas e na segunda perspectiva, o ensino e seu planejamento estão nas ações dos estudantes enquanto sujeitos da aprendizagem.

Sendo assim, o aluno deve ser o centro do processo educativo e o professor deve ser um orientador, trazendo a associação dessas informações com os conteúdos já interiorizados na estrutura cognitiva da aprendizagem com vista a transformar sua interação no e com o mundo.

1.2 A educação como aprendizagem para o mundo: As respostas das entrevistas revelam que os profissionais entrevistados buscam adotar uma educação que proporcione autonomia aos alunos para viverem como protagonistas e cidadãos na sociedade que fazem parte.

[...] As propostas pedagógicas que a gente tem que falar para essa turma especificamente, é que ela está voltada ao conhecimento do espaço, para tomar posse mesmo das áreas culturais da cidade e fazer um Trabalho de Campo na ideia de explorar o espaço geográfico. (COORDENADORA DA EMDO).

[...] Mas tem muita gente ainda que não concluiu o fundamental, então a nossa ideia inicial era que a Educação fosse ajudar essas pessoas a poderem ter uma autonomia nas atividades da vida diária, quer dizer, ir ao banco e tirar um dinheiro, saber olhar o preço no supermercado, saber pegar um ônibus, então a ideia era que essas pessoas pudessem ter autonomia para saber essas coisas básicas do dia a dia. (EX GERENTE DO CCNS).

[...] A disciplina de Geografia é ensinada na turma da EJA numa perspectiva baseada no texto do Milton Santos, em seu livro Espaço do Cidadão, que trata de uma ideia mais geral do conhecimento geográfico que não prepara as pessoas para a guerra, ou para uma competição, mas prepara para a vida, em um conhecimento que tem que preparar o sujeito para o mundo, que esse sujeito seja solidário, diferente dessas práticas que chamam de globalizarismos, voltados para competição e concorrência desleal. (PROFESSOR DA EJA).

Segundo Cavalcanti (2010, p.8): “O pensamento espacial é formado por conceitos geográficos abrangentes, que são fundamentais na compreensão de diversos espaços, para localizar e analisar os significados dos lugares e sua relação com a vida cotidiana”.

Contudo, existem muitos professores, como este da referida turma de EJA, desenvolvendo aulas em espaços não convencionais, praticando a interdisciplinaridade, utilizando variados recursos de forma mais contextualizada com o mundo do aluno, superando o formalismo e a abordagem teórica.

Para Freire (2020), os homens educam-se entre si mediatizados pelo mundo, pela educação problematizadora que exige a superação da contradição educador - educando e o diálogo, e em que ambos se tornam sujeitos do processo e crescem juntos em liberdade, procurando o conhecimento verdadeiro e a cultura pela emersão das consciências para uma inserção crítica na realidade.

Esta perspectiva freiriana, reafirma o compromisso ético na educação. Para que em nenhum propósito, mesmo na liderança revolucionária, o homem aliene os outros nas suas decisões, mas sim que os incentive à luta pela sua emancipação no mundo, onde emerge uma educação com direitos.

- 2 **Relação pedagógica entre o CCNS e a EMDO:** Nessa categoria analisou-se qual relação pedagógica é expressa pelos envolvidos na

entrevista. O conteúdo das respostas aponta para uma responsabilidade coletiva e uma intersectorialidade entre as instituições de Saúde e Educação.

2.1 Responsabilidade coletiva: As respostas das entrevistas revelaram que a relação pedagógica entre o CCNS e a EMDO passa por uma responsabilidade coletiva na construção da realidade social dos alunos da EJA do CCNS.

[...] Uma responsabilidade coletiva, a gente não está tratando de um direito individual, estamos pensando numa lógica coletiva, colaborativa e participativa, então essa é uma relação em que a gente vai aprendendo a caminhar junto com esses sujeitos e junto com esses setores, pensando em uma Escola vinculada a Secretaria Municipal de Educação e pensando no Centro de Convivência vinculado a Secretaria Municipal de Saúde, mas pensando em ambas instituições que tem uma trajetória de caminhada de luta, de resistência para chegar até esse momento de parceria. Então, essa relação também é desenvolvida com muito respeito, no sentido de recuperar essa história que não começou agora, que já existe há muito tempo na cidade e que avance para poder cuidar melhor dos sujeitos da cidade que aqui chegam, reconhecendo esses sujeitos como protagonistas e não como clientes. (PROFESSOR DA EJA).

[...] O Centro de Convivência tinha uma parceria muito grande com a Escola Municipal Dom Orione e com a Educação, na época eu tinha todo o apoio, é uma parceria muito boa, eu acho extremamente importante quando as Secretarias se apoiam, se comunicam e trabalham em conjunto. (DIRETORA DA EMDO).

[...] Do ponto de vista da Saúde Mental, a gente entende que não dá para ser feito apenas setorialmente, assim não faz Saúde se ficar conectada apenas a este setor. Entendo a Saúde de maneira mais ampliada e, por isso, é essencial esse trabalho entre o Centro de Convivência e vários outros atores, não só a Educação, mas também a Cultura que é um setor muito importante com a associação à Saúde Mental, ficando evidente a necessidade dessas construções. (GERENTE DO CCNS).

[...] A gente tem que se unir pensando o seguinte, o indivíduo como eu e você não é de nenhum projeto separado, pois eu não sou da Saúde e você não é da Educação, o outro não é do Serviço Social, pois somos todos da soma desses, com uma complexidade dessa reunião que busca o atendimento articulado pela parceria desses setores, como é o caso do usuário do Centro de Convivência que vai consultar no Centro de Saúde e

depois vai para a Escola e demais oficinas do Centro de Convivência, favorecido pela parceria. (EX GERENTE DO CCNS).

Para Gandin (2001), o Planejamento Participativo é de fato, uma escola dentro do campo das propostas de ferramentas para intervir na realidade, e se distingue das demais correntes, pois foi desenvolvido para instituições, grupos e movimentos que não têm como primeira tarefa ou missão aumentar o lucro, competir e sobreviver, mas contribuir para a construção da realidade social.

Desta forma, o planejamento assumido como ação coletiva na articulação do pensar e o fazer entre os sujeitos envolvidos na ação educativa, resulta numa concepção transformadora de educação. Essa é uma premissa defendida no depoimento do professor da EJA e reafirmada pelos demais entrevistados.

Dadas essas perspectivas, as concepções de planejamento baseada na abordagem participativa, assim como a abordagem da diferenciação do ensino, buscam colocar em evidência o lugar ocupado pelos sujeitos na sistematização e organização das práticas educativas.

2.2 Intersetorialidade: As respostas das entrevistas também apontam para um trabalho intersetorial entre as instituições (Saúde e Educação) envolvidas neste processo da EJA do CCNS.

[...] Evidente ainda essa necessidade de fazer construções intersetoriais, tendo então um conceito que a intersetorialidade é uma premissa do cuidado em Saúde Mental e que não se faz Saúde Mental sem intersetorialidade, como é visto no ensino da EJA do CCNS. (GERENTE DO CCNS).

[...] Extremamente importante quando as Secretarias se apoiam, comunicam e trabalham em conjunto na intersetorialidade, percebi isso no Centro de Convivência. (DIRETORA DA EMDO).

[...] O sujeito se sente em liberdade, sente vontade de fazer as coisas e viver bem, então é uma relação pedagógica de diálogo e parceria, de conversar constantemente para entender essa lógica do cuidado, a minha escola de lotação é a Escola Municipal Dom Orione e estou aqui no espaço que aprendo todos os dias com os funcionários que trabalham na perspectiva do cuidado e aprendo todos os dias com os educandos que são usuários de Saúde Mental. (PROFESSOR DA EJA).

Para Macedo (2012, p.36):

Houve uma abertura de diálogos intersetoriais acompanhado de uma carência de efetivação prática entre o campo da EJA e a saúde mental, trazendo os desafios encontrados pelas políticas educacionais, através de um recorte histórico da EJA em nosso país e no município de Belo Horizonte, em um contexto emergente que pode ser mais explorado cientificamente.

- 3 **Uma turma da EJA funcionando dentro do CCNS:** Nesta categoria as respostas das entrevistas apontam para uma abertura de diálogos entre a Educação e a Saúde Mental, “onde faz caber a loucura na escola”, como falou a Gerente do CCNS na entrevista, trazendo o conhecimento que produz saúde na busca da liberdade dos usuários.

- 3.1 **Conhecimento que produz saúde:** A análise das respostas das entrevistas sugere que a turma da EJA dentro do CCNS traz conhecimento que produz saúde para os alunos.

[...] Por ser uma turma que faz caber a loucura dentro da escola, são usuários que se não tivessem essa oportunidade, muito provavelmente não conseguiriam se formar e não conseguiriam ter a oportunidade de aprender, ou de estar na escola, pois é fantástico que a turma se desenvolva no dia a dia, por meio de assuntos ensinados pelo professor que busca o presente, o concreto e o visível em seu ensino aprendizagem. (GERENTE DO CCNS).

[...] Senti que eles (alunos) têm um carinho por essa turma da EJA, pois eles dão muito valor por essa oportunidade de estar estudando novamente, sendo um lugar que estimula e acolhe, diferentemente da discriminação que sofreram durante a vida. (EX GERENTE).

[...] Nesse processo de transformação, então, o trabalho do olhar da Geografia ganha uma dimensão que não pode ser essa aproximação com a lógica do trabalho da exploração, mas essa perspectiva de mostrar para

eles (alunos) o quanto essa lógica do mercado de trabalho que tá lá fora e produz adoecimento e aqui esse ensino da disciplina de Geografia é pensada com conhecimento que produz saúde. (PROFESSOR DA EJA).

Para Silva (2021), a EJA no Centro de Convivência Pampulha incorpora uma autonomia dos usuários, proporcionando a reinserção social, estimulando os educandos para que circulem e utilizem os diferentes espaços públicos, ampliando sua mobilidade espacial e o seu pertencimento à cidade.

3.2 A busca da liberdade pela EJA: A análise dos depoimentos explicita que a loucura é livre e também a aprendizagem é livre, e a busca do cuidado em liberdade, é o objetivo dessa aprendizagem desenvolvida com os alunos da EJA.

[...] Esse espaço materializa essa história de luta, porque não existiria Centro de Convivência nessa lógica do cuidado em liberdade, se muitos antes de nós não tivessem feito esse movimento de luta e resistência para fechar os manicômios, para dizer que o tratamento médico centrado em um hospital e toda aquela lógica da loucura negava a existência desse sujeito, então a ideia de um Centro de Convivência para a busca da liberdade, para que seja discutida na perspectiva de avançar esse direito. (PROFESSOR DA EJA).

[...] Na verdade nenhuma rigidez social faz caber a loucura, então tudo aquilo que é muito fechado em si mesmo não cabe a loucura, a loucura é livre, desta forma é preciso que o processo de aprendizagem também seja nesse sentido de liberdade. (GERENTE DO CCNS).

[...] Então a chegada da EJA no centro de Convivência foi um progresso e também a Educação é libertadora, ela faz a pessoa refletir por meio de textos, desta forma percebe que não é somente um gado, mas pode ter suas escolhas. (EX GERENTE DO CCNS).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse percurso permitiu alcançar o objetivo de analisar o desafio de elaborar e executar um planejamento nas aulas com alunos que trazem diversidades na questão de saúde mental e vulnerabilidade social da turma de EJA

do CCNS. Por meio da imersão neste espaço foi possível conhecer a integração de informações oriundas de intervenção e interpretação deste ambiente escolar específico.

Verificou-se que o CCNS tem vinte e cinco anos de história, e faz parte da rede de saúde mental de BH. O nome do Centro foi assumido recentemente (2020) em homenagem a médica psiquiatra Nise da Silveira.

Nesta trajetória, o CCNS incorporou a educação de adultos como uma de suas ações desde 2002, sendo que a partir de 2005 essa oferta passou a ser institucionalizada, por meio da EJA, entre uma relação intersetorial com escolas da rede municipal de BH.

Hoje, essa é uma ação que acontece em cinco Centros de Convivência dos nove existentes no município de BH. A construção dessa experiência é concomitante ao próprio processo de consolidação do CCNS que já se instalou em três localidades distintas da Regional Pampulha.

O funcionamento da turma da EJA neste CCNS corresponde a uma parceria com a EMDO que oferece professor, lanche, almoço e aporte didático. Na turma de EJA, os estudantes vivenciaram atividades educativas, que foram construídas a partir das competências e habilidades estabelecidas pelas Proposições Curriculares da SMED/BH e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

As atividades pedagógicas desenvolvidas com esta turma envolveram a aprendizagem por meio dos projetos que dialogaram com os estudantes sobre sua trajetória de vida, reconhecendo-a como fonte de saberes de experiência que o educador deve considerar nas diferentes situações de construção do conhecimento escolar, e com os quais também se aprende.

Diante desse contexto, consideramos que a EJA se configura como uma possibilidade de uma educação transformadora para seus estudantes.

Para analisarmos a percepção dos envolvidos no planejamento da EJA, verificou-se que o planejamento das aulas da EJA no CCNS tem a ideia de que a centralidade do ensino não está no conteúdo, mas está no sujeito, tornando suas experiências de vida em um início de aprendizagem que proporciona autonomia aos sujeitos para viverem como protagonistas e cidadãos na sociedade de que fazem parte, tornando a educação uma aprendizagem para o mundo.

Esses sujeitos que vivenciam essa experiência, ora como usuários ora como estudantes, numa relação intersetorial entre a saúde mental e a educação.

Identificou-se nessa percepção, uma relação pedagógica entre o CCNS e a EMDO que passa por uma responsabilidade coletiva na construção da realidade social dos alunos da EJA e desenvolve um trabalho intersetorial entre as instituições (Saúde e Educação) envolvidas neste processo da EJA. Além de mostrar uma turma de EJA funcionando dentro do CCNS, no qual traz conhecimento que produz saúde para os alunos e verifica que a loucura é livre, bem como a aprendizagem também é livre, na busca de um cuidado em liberdade.

Pode-se inferir que a elaboração e execução do planejamento das aulas da EJA do CCNS estão baseadas no “cuidado em liberdade”, isto é, no tratamento afetuoso e singular que os estudantes recebem durante as aulas, bem como a relação dialógica estabelecida entre professor e aluno que mostra o tempo todo a leitura do mundo para que percebam os direitos e garantias constitucionais, que por vezes são negados ou porque os sujeitos nem sabem das suas existências.

Nesse contexto emerge o sujeito como o centro do processo educativo e o professor como orientador, trazendo a associação, as informações e conteúdos já interiorizados na estrutura cognitiva e derivadas de suas experiências com vista a transformar sua interação no e com o mundo.

Desta forma, é importante refletir sobre o espaço como dimensão formadora do sujeito, pois os alunos da EJA estão expostos a vários tipos de

espaços, ajudando a produzi-los ao mesmo tempo em que se formam pela influência desses espaços.

O cuidado em liberdade, está de acordo com o pensamento e as ações afetuosas da psiquiatra Nise da Silveira, que dá nome a este Centro de Convivência, memorizada em sua célebre frase:” O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito.”

Consideramos, portanto, que a pergunta de pesquisa elaborada para este estudo foi respondida e os objetivos propostos foram alcançados.

Esta pesquisa permitiu compreender a especificidade educativa nesta interface entre a saúde e a educação, além de compreender esse contexto a partir da experiência de um professor de Geografia que ressignifica esse lugar do “professor de” para o “professor com”, pois o foco é a educação produzida com sujeitos e conteúdos com mediação e não como centralidade para determinação deste processo.

Por fim, a questão do funcionamento da EJA nos demais Centros de Convivência em Belo Horizonte, poderá ser melhor compreendida se outros estudos completarem a visão buscada neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. Anais do I seminário Nacional: Currículo em movimento - perspectivas atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 73 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GANDIN, Danilo. A posição do Planejamento Participativo entre as Ferramentas de Intervenção na Realidade. **Currículo sem fronteiras**, v. 1, n. 1, pp. 81 – 85, Porto Alegre, RS, jan/jun 2001.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

JÚNIOR, Orlando Aguiar. **Projeto de Desenvolvimento Profissional de Educadores**. Secretaria de Estado de Educação do Governo de MG. Módulo II. O Planejamento de Ensino. Belo Horizonte, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MACEDO, Marcus da Silva. **As Contribuições da Educação de Jovens e Adultos na Construção de Processos Inclusivos no Campo da Saúde Mental**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2012.

OLIVEIRA, Heli Sabino de. **Educação de Jovens e Adultos em Espaços Religiosos: escolhas, negociações e conflitos**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2012.

OSTROWER, Fayga Perla. **Criatividade e processos de criação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 187 p. Ilus.

POLICARPO, Eliane Aparecida. **EJA: Espaço de Inserção Social, Inclusão e Diversidade**. VIII Encontro de Iniciação à Docência. Universidade do Vale do Paraíba. Taubaté, SP, 2018.

RIBEIRO, Wilma dos Santos. **História para contar – 25 anos do Centro de Convivência Nise da Silveira**. Jornal Trans Forma Ação. Belo Horizonte, agosto de 2021.

SILVA, José Álvaro Pereira de; RIBEIRO, Wilma dos Santos. **Um olhar reflexivo sobre o trabalho intersetorial: saúde e educação juntos no processo de inserção social e de construção da autonomia de educandos da EJA**,

usuários do Centro de Convivência Nise da Silveira e Belo Horizonte. Ensaio, Belo Horizonte, 2021.